

Estádio não é o único destino

*Produtos trazidos¹⁴⁵
do Paraguai são
também vendidos
em várias outras
pequenas feiras*

ANA TEREZA

Os brinquedos, objetos para casa e produtos eletrônicos contrabandeados do Paraguai não têm um único destino no Distrito Federal. Apesar de ser o maior deles, não é a Feira do Paraguai, que ontem foi removida para a Ceasa, que recebe toda a mercadoria ilegal.

Há outros endereços, também bem conhecidos: Foz do Itau (no Setor Comercial Sul), passarela do Conic, Rodoviária, no gramado do Edifício Márcia e até na Feira Central da Ceilândia, especializada em artesanato. Maria de Lourdes que trabalha no local há oito anos vendendo bolsas e mochilas confirma que muita gente vende produtos do Paraguai, inclusive ela.

No Camelódromo de Tagua-

tinga, inaugurado em 12 de outubro do ano passado, as 424 barracas vendem de tudo, de cigarros a patins, e a maioria dos produtos também vem do Paraguai. A metade dos feirantes já está cadastrada na Receita Federal, a outra metade não entregou a documentação. Mas no camelódromo nota fiscal é artigo de luxo.

Medo - Os feirantes dizem que receberam um prazo para a regulamentação e até lá todos vão correr atrás da documentação. Enquanto isso continuam trabalhando com muita insegurança. Para Maria Salete Xavier, a ilegalidade não deixa ninguém trabalhar direito. O medo de perder a mercadoria a qualquer momento ainda existe e para quem já teve um prejuízo de R\$ 2.500,00 em barreiras, a legalização é a melhor saída para evitar o constrangimento dos "baculejos" da Receita Federal.

Ana Lúcia Leal Gaspar viaja de 15 em 15 dias para o Paraguai, volta com a mala cheia de utensílios domésticos e nenhuma nota fiscal. Ela garante que a variedade e o preço do Paraguai não são concorrentes para ninguém e por isso continua indo comprar lá, apesar

da ilegalidade.

Para fugir da fiscalização, alguns feirantes estão se mexendo para comprar as mercadorias diretamente das importadoras. Eleni Vasques Monteiro acredita que essa é a melhor saída.

Preço - O problema dos feirantes não preocupa os consumidores. Por R\$ 40,00, Clarisse de Omela Silva comprou um toca-fitas. Para ela, o preço mais baixo que nas lojas justifica a compra sem nota na feira.

Na Ceilândia, a feira que reuniu 180 camelôs da cidade recebeu o nome de Feirinha do Paraguai. Menor e vendendo produtos de terceira categoria que, segundo os feirantes, são sobras das compras no Paraguai, a Feirinha também é ilegal e ninguém vende nada com nota fiscal.

A Receita também aparece na Ceilândia de vez em quando para conferir documentos e produtos, e só. Para Hozanam Moura, que trabalha na feira há pouco mais de um mês, a Receita não está preocupada com eles porque os produtos vendidos são muito "chinfrins", já na Feira do Paraguai a mercadoria é de primeira e muito cara.